

mas sua mulher responde logo, como se naquele instante mesmo estivesse pensando nisso; responde com precipitação, como se quisesse impedir que, uma vez levantada a questão, alguém pudesse admitir uma resposta diferente:

— Jaboticaba.

E me olha nos olhos. O amigo também me olha. Fico um instante calado, eles sabem o que estou pensando. Ela está vendo dentro de minha alma a mudinha de jaboticabeira murchar ou crescer raquítica, feia, estéril, em um clima impróprio. E acode logo, como se estivesse regando carinhosamente com sua palavra a planta sem viço:

— Você sabe que aqui perto, no outro canto do bairro, tem uma casa que tem jaboticabeiras?

Explica que ela também pensou que não desse jaboticabeira por aqui. Pois dá, e muito bem. A questão é manter a terra sempre fresca. Um fio de água ali perto, e a jaboticabeira crescerá em graça e beleza e seu tronco e seus galhos se cobrirão de frutas escuras e gostosas. Tenho vontade de fazer uma pergunta cruel, mas justificável, sobre uma possível escassez de água. Mas não quero judiar da jovem senhora. Sei, porque eu mesmo plantaria um cajueiro ou um imenso pé de fruta-pão.

Seu sonho é a jaboticabeira de Minas; talvez seja essa a primeira imagem que lhe tenha ocorrido diante da palavra “casa”: uma construção com jaboticabeiras.

Meus amigos estão ancorando. Alguns só no começo da velhice conseguem realizar êsse antigo sonho. Um desses me disse, com melancolia, que fazendo sua casa tinha às vezes a estranha impressão de que estava fazendo seu túmulo. “Estou fazendo uma casa para viver nela, mas principalmente a casa onde vou morrer; você pense bem, uma casa é uma coisa agarrada no chão, uma coisa que se afunda no chão. E’ o chão, o sossego que estou procurando. Mas estou alegre por causa de meu filho menor. Êsse não crescerá, como os outros, pulando de um apartamento para outro. Terá uma infância de casa, de árvore, de pedra, de águas, de bichos, de chão; uma infância com cacarejar de galinhas. Eu... eu quero plantar uma mangueira aqui, perto da janela de meu quarto. Pena que o terreno não dê para plantar mais mangueiras...”

Ela falava e eu revia, há muitos anos e muitas léguas de distância, a casa grande em que êle foi menino, a casa em que seu pai morreu, uma grande casa branca cercadas de mangueiras gordas.

A POESIA É NECESSÁRIA

Ghetto

AFFONSO SCHMIDT

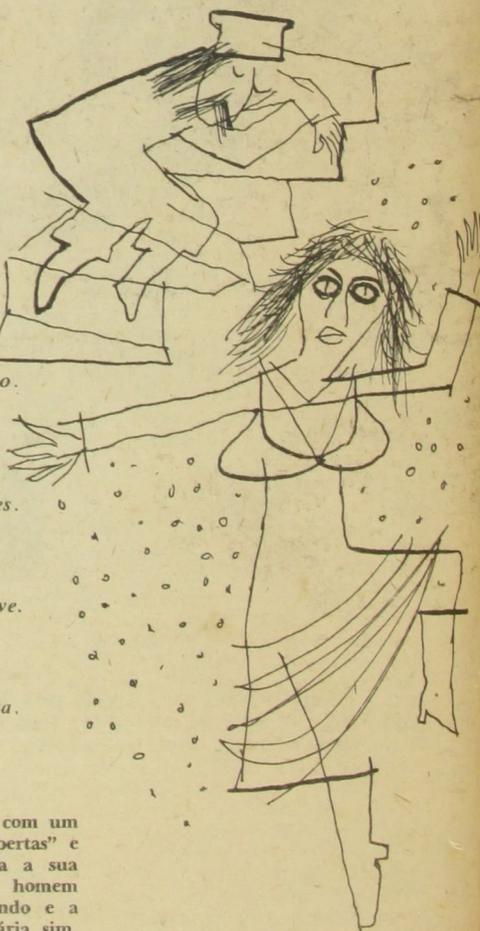
*O mendigo judeu dormiu na escada
E a filha ficou só, no velho beco.
A noite é fria, espera-se nevada,
O bairro cheira a mel e a figo sêco.*

*Para entreter-se, a môça ruiva joga
Consigo mesmo bisca de três-setes;
Um rabino que vem da Synagoga
Sorri olhando as damas e os valetes.*

*Nesse ponto começa a cair neve.
E para se aquecer a flor judaica
Põe-se a dançar sôzinha um passo breve.*

*Serve de fundo à sua dança arcaica
O arabesco dourado, fino e leve
Dos sons de uma perdida balalaika.*

● Affonso Schmidt estreou em 1912 com um livro de poemas chamado “Janelas Abertas” e o título anunciava bem o que seria a sua vida de poeta, romancista, jornalista, homem de idéias reformadoras, a correr mundo e a recolher matéria para uma obra literária simples e humana. Nasceu em Cubatão, 1890, e vive em São Paulo. Os livros são muitos.



CASAS

Os amigos mais pobres pensam em comprar um terreninho a prestações, em algum lugar longe, mas simpático; e pensam, apenas. Os mais ricos querem construir ou comprar uma casa. Não sei por que me convidam a ir ver o terreno, ou a casa que pretendem reformar. Vou sempre. Tenho a consciência de que eles estão vivendo um momento grave: mesmo quando falam com decisão —

“vou derrubar isto, fazer uma puxada, aqui, etc.” — sinto que estão intimamente hesitantes. E’ como se eles mesmos estivessem se plantando no chão, depois de vagar por muitos edifícios. Olham em volta, vagamente desconfiados. Para não ficar o tempo todo calado, pergunto ao acaso:

— E aqui, o que vão plantar?

O amigo não chega a dizer nada.